

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
26 DE DEZEMBRO
ANNO 2. N. 22.

PROPRIETARIOS : ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES : DIVERSOS

Preços : por trimestre 25.000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-
NO RIO GRANDE
1870

AMERICA

Noticias de Porto Alegre.

Chegou hontem o vapor *Guahyba* com datas até 24 do corrente.

As noticias do mais interesse, são as seguintes, relativas a guerra franco-alemã :

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1870.

Do Sr. Thomé Madeira Junior ao Sr. Luiz Cavalcanti.

Entrou o *Araucania*, da linha do Pacifico.

Depois de uma hora de combate o exercito de Pariz alcançou a victoria contra os sitiadores.

As linhas prussianas foram forçadas. Pariz está livre do apertado cerco, por haverem sido repellidos os invasores até Marno.

E' indizível o entusiasmo da França por tão importante acontecimento.

Cambios sobre Londres 24 a 24 1/4.

Rio 20 de dezembro de 1870.

Do Sr. consul da Allemanha do Norte ao consulado.

Sortidas de Pariz com vantagem de parte a parte.

Reune-se um congresso para decidir a questão do Oriente.

Rio, 20 de dezembro de 1870.

O exercito do Loire não se deixou envolver e diz-se que obteve algumas vantagens.

Trochu effectuou a sua sahida com 150 mil homens e atravessou o Marno.

Ha certeza de que elle não fará junção e se verá obrigado a retroceder á Paris.

LITTERATURA

AS 24 PRIMEIRAS HORAS

DOS

DESTERRADOS DO PARAISO

POR

A. D. PASCUAL.

Elle te pisará a cabeça

Gen., Cap. III, Vers 15.

II

(Continuação do n. 14.)

Eram cinco horas da tarde ; o sol ia escondendo o seu disco de fogo entre as dentadalis e avas montanhas da Ar-

meia ; reinava por todas as partes a solidão mais medonha ; a viragem da tarde cessou de assoprar ; a folhagem das arvores não se movia ; o ar era pesado, a terra estava inçada de plantas,ervas agrestes, abrolhos espinhos e innumeráveis tortuosos cipós, que entupiam a passagem ; a côr do firmamento era verdentosa. As feras e as bestas da terra escondiam-se nas brehnias ; as cobras enroscavam-se nas arvores, ou sepulhavam-se nas gretas da terra ; toda a natureza rebelou-se contra os desobedientes, e não se submettia já aos apegos do brago do primeiro homem. Que mudança portentosa ! Algumas horas antes elle commandava com o pensamento e tudo curvava-se á sua vontade ; agora ninguém reconhecia senão o imperio da força bruta.

Adão e Eva olhavam para o céu, para a terra, para os animaes, para as arvores, para os rios, para as montanhas, para tudo que os cercava, e fitando-se alternativamente, inclinavam taciturnos as cabeças.

Adão cingia com o brago direito a esbelta e elegante cintura da formosa Eva. Esta tinha estendido o brago esquerdo sobre o hombro direito do seu companheiro. De vez emquando apertavam-se ás mãos mutuamente e suspiravam.

Tihiam caminhado por longo espaço ; apenas enxergavam o sólo que trilhavam ; sustavam os passos, e viravam as suas cabeças, olhando de esguelha, para o lado do paraíso, e, sem ousar se diserem o que se experimentavam, seguiam, impellidos por uma força estraanha, para o pé daquellas montanhas armenias, que tinham perante os olhos em afastado horizonte.

Deos despojou Adão da immortalidade, mas não lhe tirou a subedoria ; privou-o das consequências da innocencia, mas deixou-lhe a razão ; desgracou-o pela sua inobediencia, mas ficou-lhe o espelho da sua consciencia ; submetten-o ás dôres, mas conservou-lhe a liberdade.

Sabedoria, razão, consciencia e liberdade, são quatro grandes esteios, sobre as quaes ia construir o grandioso edificio da familia, do amor, da perpetuidade do trabalho e da moralidade.

A' medida que iam embrenhando-se na floresta virgem, tornavam-se mais escuros os objectos.

Do lado do paraíso, onde descortinava-se mais vasto horizonte. viu Adão apparecerem rasteiros alguns grupos vaporosos de côres sinistras, semelhantes á nuvem que servia de escabello a Eloim. Os ventos, que, depois da prescriptão dos desobedientes, ficaram mudos, começaram a bufar irados ; o arco celeste cobria-se de nuvens pavorosas ;

de vez em quando ouvia-se ao longe o ronco da tempestade ; as rajadas dos ventos impetuosos sacudiam as arvores gigantes, as risadas crinas das palmeiras, arremoinhando as folhas caídas, e os despojos do bosque selvagem. Algumas gottas grossas de chuva vieram de envolta com as lufadas do bores apresentar aos dous desterrados um espectáculo, que ainda não tinham testemunhado desde que Deos os acordara do nada.

Fusilou !... Ao relampago seguiu-se o ribombo do trovão. A terra estremeceu.

Eva escondeu o seu divino rosto entre as suas mãos, e lançou-se nos braços de Adão, que contemplava arroubado aquelle sublime e pavoroso espectáculo, inteiramente novo para elle. A fúria electrica voltou a rasgar as nuvens, e o trovão estrondoso retumbou nos vales e nas planuras.

Eva bradou :

— Homen ! salva-me !...

Deus abriu naquelle momento as catarrats do céu, para que alargassem a terra armenia, desencadieu-o aquillo furioso, fez com que se encontrassem as nuvens, amidiou os relampagos, replicou o estrondo das detonações, acendeu a lava das crateras nas visceras do abysmo, crusou os ares de mil scintellas electricas, sacudiu com ira as arvores agigantadas, fez cair dos rios, torrentes e lagos, impregnou o espaço de cheros sulphurosos, cavallou n'um cherubim e commoveu os eixos do universo.

Os grios de Eva eram abafados pelos continuados e roucos retumbos da tempestade infrene. Eva chorava, invocava a Adão, estreitava-o entre os seus admiráveis braços, chamava a Eloim, amaldiçoava a serpente, tremia de espanto, de frio, de fome, de sede, de susto, de terror.

Adonai voava nas azas dos ventos sobre o cherubim, e deixava por onde passava milhares de fitas de fogo que tornavam o espaço uma fornalha immensa, sublime, e horivelmente magestosa ; mas Adonai fingia não ouvir as vozes desesperadas de Eva.

Adão emmudeceu ; apertava contra o seu peito a fraca Eva, protegi-a com seus braços, afagava-a com carinho ardoroso, e olhava sereno para o céu, sem se importar muito do aterrador espectáculo que o cercava por todas as partes.

Carregou a Eva nos seus braços, levou-a para baixo de uma arvore gigantesca, que não estava a mui afastada distancia, collocou-a na cavidade que formava o tronco, quasi reente com o chão, agasalhou-a com folhas e trepadeiras, poz-se em pé ao lado della e

observou sobranceiro a furia dos elementos.

Eloim concedeu a Satan que dispozesse á da natureza por seis horas, e que, depois da desordem que ia introduzir no equilibrio da creação, ficasse sujeito ás leis por elle estabelecidas, quando títou de nada o universo.

Apenas o espirito das trevas acabava de ver-se senhor dos elementos, fartou-se na confusão n'um quasi chácos. Os ventos gemiam, bufavam, assoviavam, derribavam, arrancavam, destruíam e arrastavam as arvores, as plantas, as bestas, as aves, e punham em perigo o homem: as águas asborbadas solapavam os morros, e as vegetaes, levando de envoltia, entre as suas espumosas vagas e torrentozos rodaminhos, quantos obstaculos se opunham ao seu furor infrene: o fogo electrico achára pabulo na floresta, apesar da nuva torrencial que acapellava os valles armenios, e as labaredas ora vorazes, ora amortecidas, ora flavas ou bem fumosas, subiam, desciam e lambiam, apagando sobre as verdes e lamacentas pradarias, que alcatifavam as fraldas dos montes Abus, Ararat, e Niphates. como foram denominadas depois do diluvio as serras da Arménia. Belzebuth tripudava na confusão e quasi esquecera que só tinha seis horas a seu dispor para tornar conhecidas a Adão e Eva as fútas consequências da sua culpavel desobediencia.

A força do boreas impetuoso e da grossa chuva quebrava as ramas e galhos desmedidos da arvore, que servia de fraco agasalho á mais perfeita das mulheres.

Adão agoutado pelo tufão oprimido pela chuva, obumbrado pelo fulgor dos relampagos, tranzido de frio, de fome e de fadiga, desembarcava-se, com os seus robustos braços, das innumeras vilas ramas que o sepultavam ao pé de sua mulher, que mais morta do que viva estava naquello momento.

Quatro horas de agonia, de perigos, de espanto, de sossebro, de lamentos e de anciedade tinham corrido nas azas da procellosa tempestade.

O vento começou a acalmar, a chuva tornou-se em chuveio, o trovão ouvia-se ao longe, o fusillar das nuvens era mais espaçado e menos vivo, o murmurar das arvores mais compassuado, o sussurro das águas menos torrentoso; ouvia-se de vez em quando o crepitar das vegetaes rasgadas pelo fúacuo, o bramido do nobre leão, o uivo da carniceira loba, o crocitar dos lugubres bufos, e o retumbar longínquo da tormenta, que echoava de vale em vale, de profundes em profundes, e de planura em planura.

O Anti-Tauro, como denominaram depois os netos de Adão, a montanha que guia para Erzerum, descobria-se já ao clarão dos fúis coberto de nuvens cinzentas e envolto em gases de cores indecizas.

Adão consolava a Eva, desobstruía a entrada da cavidade da arvore, e dominava com a sua sabedoria todos os phenomenos que experimentava e via.

A lua entrou segundo e o terceiro quarto, rasgava no lado do Occidente os vaporosos grupos, que occultavam a côr cerúlea do firmamento e as estrellas que scintillavam no espaço.

Eram duas horas da madrugada. O

torpor do somno apouso-se dos dous, depois de um dia e uma noite de tão variadas quão dolorosas impressões; deviam pagar o tributo natural ás necessidades da natureza decada. Eva, sem abandonar o seu novo domicilio, reclinou-se nos braços de Adão e entre afagos, consoladoras phrases e meigas manifestações de amor da parte do seu protector, ambos os desterrados dormiram o primeiro somno depois de lavarem peccado.

POESIAS

O artista.

Erão as artes, n'outro tempo, a base
Que a sociedade sustentava em pé;
Ellas traziam o socego aos povos,
Eram dos reis a redempção—a fé.

As artes eram necessarias—úteis,
A bem do uso e protecção do mundo;
Sem ella nunca a sociedade imbello
Se ergueria do dormir profundo.

N'aquelle tempo era o artista grande,
Amavam-o muito—por amor das artes;
Da fama a tuba se fassendo ouvir
Seava—artista—por diversas partes.

Nos regios paços onde ha só pompa,
Onde etiquetas por demais se avista,
Entrava altivo, com seguros passos,
Era pelos nobres rodeado o artista.

Hoje o artista é no mundo o ente
A quem se vota indifferença só;
E' semelhante ao ignoto insecto
Que vive e morre envolvido em pé.

Que vale o artista n'este mundo—onde
As artes morrem por não ter cultor?
Que vale o artista—talento—mesmo,
Se a sociedade não lhe dá valor?

Ella o repelle indifferente e calma
Despresa o genio se o artista é pobre;
E com sorriso devisor—satanico
Abre seus braços ao potente—ao nobre.

Não entendendo que o artista é grande
Que sem as artes findaria o mundo;
Que a sociedade viveria immersa
N'um labyrintho por demais profundo.

Caminha, artista, e o perdido offerta
A quem teu genio de ludibrio cobre;
Esta que hoje te repelle—um dia
Conhecerá que o artista é nobre.

GUALBERTO PEGANHA.

A noite.

Figlia del ciel, sei bella!
Ma verrà notte ancor, che tu, tu stessa
Cadrai per sempre, e lascerai nel cielo
Il tuo amaro scender!

(Cesarotti)

Noite serena, toda luz; que encanto,
No réu fulgente de mimosas côr!
Pallida lua pelo céu divaga;
Meiga poesia, que scismar de amor!

E' dessas noites em q' ha sonhos doces,
De virgens tristes, suspirando amor;
Suave aroma diffundindo enlevo,
Da primavera que rebenta em flor!

Crystaleas gottas de brillante orvalho
Realçam folhas da roseira agreste,
Per'las de pranto, que derrama a noite,
Placidia e languida, que o luar revestel.

Ao longe os êchos do oceano immenso,
Na mente acordam sensações saudozas;
Minh'alma vâ, procurando os dias,
Da minha infancia d'esmaltadas rosas.

A' luz pallente dos clarões ethéreos
Sobre os espaços de asulada côr,
E' doce ao peito na saudade infinda,
Scismar chorando, no materno amor!

Noite d'encantol—que bondosa fida!
Sobre o teu manto, derramou poesia?...
Amo as tristezas dos teus gazes brancos
Mais que as bellezas d'um ridente dial

Oh! vem — rolinha — que o silencio é doce,
A noite é bella, — nosso amor immenso! —
Vem reclinár-te no meu peito ardente
Pallida imagem d'um sonhar extensol..

Como a flôrinha pelo chão rolando
Jaz sem verdura, sem perfume e côr;
Tambem eu rôlo pelas densas trevas
Das longas noites de martyrio e dôr!

Rio Grande.—1870.

José P. Ribeiro.

A lua

Que fazes risonha, mirando esses mares
Suspiros aos ares vagando nos céos?...
Quem és? que mysterio! revella o segredo,
Revella que é cedo, se és filha de Deos!

O doce cortejo d'estrellas mimosas
Gentis luminosas te seguem n'alma!
Expande não temas—teus pallidos raios,
E nesses desmaios, me falla tambem!

Se fallas conversas, conversas sozinha;
Caminha, caminha, mas disse o que és?
E' mundo perdido no céu purpúreo
Ou throno divino da virgem aos pés.

Espera! não fujas! não fujas do dia!
Celeste magia não cesses, derrama,
Eu amo-te os ternos, os meigos palliores
Nos labios de amor que ao peito s'infiamma.

As flores te adoram que ervalhos shalindo
Das nuvens fulgindo ligeira a brilhar;
O lago alvanteo nas aguas de prata
Teu puro retrato no seu solgar!

Os montes altivos e serras tu beijas
A relva viciosa do prado a morrer!
E'a astro de amores suspenso nos ares
Tombando nos mares, rolando á correr?

Ai! diz não cales, se és alma de fôda
Ou alma finada no espaço perdida?
Ou noiva d'um santo fôda enlaidada
Ou prece sagrada d'um anjo cahida?

Se foste da terra que sina é a tua?
Não fujas, ô lua, não fujas da terra!
Eu canto-te os transeas, as megoas do seio
No fervido anecio que est'alma angustia!

As paginas soltas do livro da vida
Soletta querida se fôste da terra;
Porém vagalhada se fôste errante
Na luz vacillante teu manto descerra.

Que horas propicias!... que doces momentos!
Aplica os tormentos q' soffro commigo,
Espera! do vento no placido acóite
Princeza da noite conversa commigo.

(LIRA DE APOLLO.)

— Se conhece, murmurou a astuta anciã, desliando um olhar pelo desusado traje que vestia o conde. Contudo, não recordo que existisse lá no principado um título como o vosso.

Vossa observação é muito exacta, respondeu o padre Roberto, sentando-se e botando uma perna sobre a outra. Sendo bastante rico, posso diversos títulos e baronias, não sómente dentro senão fóra de Hespanha. Caprichoso como homem que carece de herdeiros e só pensa em si mesmo, umas vezes me intitulo, como agora, o conde de Malvar; outras o marquez de Tiobre; outras o duque de Penhafil; e outras o barão de tal ou qual estado dos muitos que me pertencem.

A condessa abriu os olhos desmesuradamente, dominada pela ambição.

— Nesse caso sereis extraordinariamente rico?

— Duzentos mil duros de renda, senhora. Fortuna colossal nestes tempos que correm. Não soffreu nenhum contratempo com a mudança de dynastia que temos experimentado?

— Nenhum. Sou um ser cosmopolita, que vivo em todos as côrtes; me amam todos os soberanos, me offerecem sempre um assento em suas mesas; e como careço, se sequer, de nacionalidade, todos me tem por seu, e respeitam meus interesses.

A condessa ia-se serenando cada vez mais. A recordação que como um phantasma de épocas passadas, havia ferido tão vivamente sua imaginação, eclipsava-se pouco a pouco ante aquelle novo Cresco que tinha adiante.

As ultimas explicações do conde acabaram por tranquilisá-la de todo. Desde logo principiou a pensar em que a casualidade lhe apresentava um amigo a quem podia explorar em caso de aperto.

Leois, disse que é mais facil julgar do engenho de um homem por suas perguntas que por suas respostas; porém a condessa que ignorava este delicado pensamento, havia firmado seu juizo ás respostas mais bem que as perguntas do conde de Malvar.

Tornou, pois, a ser a mulher astuta, sagaz e atrevida que conhecemos.

— Celebro duplamente, disse, a occasião que vos faz vir á meus salões. Sem duvida viesteis á Madrid á gastar o muito dinheiro que tens de sobra em vosso bolso?

— Esse foi meu principal objecto, senhora: ainda que, posso assegurar-vos, me conduzem aqui dois negocios de importancia.

— Se em esses assumptos me consideraes que possa ser-vos util, disse a condessa, terei um verdadeiro praser em servir-vos. Tenho muito valimento na côrte.

— Agradeço-vos, respondeu o padre Roberto severamente, com certo galanteio que não deixou de encantar á condessa. São dois negocios fazeis, extremamente fazeis, que penso vencer sem trabalho: isto não é recusar vossa proposição que admitto desde este momento. A caso com vossos conselhos e relações poderei deparar com meios mais rapidos e seguros para conseguir meu objecto.

A condessa não pôde occultar a agradável sensação que lhe causaram estas palavras e disse:

— Me honraes demasiado com essa distincção.

— Figurae-vos que se trata de um assumpto de familia e do encargo de um amigo.

— Sim?

— O assumpto de familia é o seguinte. Tenho um sobrinho a quem naturalmente irão parar todos os meus títulos e possesões; porque precisamente a alguém tenho que deixar minha fortuna, quando morra.

— E' um sobrinho!

— E' joven e alguma cousa divertido. Educado em Madrid, é facil que se corrompa estando só, e pensei para evitar os escôlhos em que quasi sempre tropeça á juventude, buscar uma joven de suas circumstancias, modesta, nobre e bem educada, e casallo com ella.

A condessa ao ouvir este desejo do cavalheiro, não pôde menos de lembrar-se de Mathilde; pois ainda que não era sua filha, tinha com ella um meio de especulação que podia explorar admiravelmente em seu beneficio.

Respeito ao conde de Malvar, podemos dizer que lia quanto passava no coração miseravel daquella mulher.

— Difficil é encontrar, disse a condessa, uma joven das qualidades que exigis para vosso sobrinho; porém, se me concedeis licença para procurá-la, acaso chegemos a conseguir este desejo.

— Creio que não será necessario usar do methodo de Diogenes, que sahio ao meio dia com uma lanterna na mão para procurar ao homem.

— Por fortuna não estames na época dos philosophos gregos.

— Nesse caso, estaes authorisada completamente para proporcionar uma companheira ao meu sobrinho.

— Sem embargo, observou a condessa, já comprehendereis que não deixa de ter suas difficuldades a delicada commissão com que me haveis honrado. Hoje se medem as proporções humanas pelo valor que representam, e ainda a mesma virtude, fluctua a vezes ante idéas tão mandanas e desluzidas.

— Assim é, em effeito.

— Por tanto, não porque vós sejais tres vezes duque, quatro vezes conde, seis vezes marquez e oito vezes barão, vosso sobrinho pôde ser o que hoje principia a chamar-se um partido conveniente.

— Possuis uma logica admiravel, respondeu com um sorriso assaz satirico o benedictino. Quereis dizer, que não porque meu sobrinho tenha em distancia uma riqueza numerosa, seja rico na actualidade? Fazeis uma verdadeira divisão do relativo e absoluto; porém vou desmanchar essas duvidas. Meu sobrinho no mesmo dia que se case entrará em plena posse de todos os meus títulos e riquezas. Eu já sou velho, e me contento com amonorar-me quando tenha lavrado sua felicidade.

— Então tudo corre por minha conta.

— Agora proseguiu o padre Roberto, vos porei ao corrente do encargo sagrado que recebi de um amigo ao tempo de morrer.

— E' a vontade de um defuncto, o que estaes encarregado de executar?

— Justamente condessa.

Esta, sem saber porque, ou acaso porque no

fundo de sua alma havia uma ulcera que lhe causava terribes dores principiou a pôr-se pallida.

O benedictino, sempre indifferente a tudo, proseguio :

— Este amigo era um patricio nosso.

— Era de Asturias?

Sim : figurae-vos, e dispensae que por duas vezes tenha usado esta palavra : é um defeito provincial incorrigivel ; figurae-vos, repito, que lá quando eu tinha vinte annos, tive um desses amigos, que são mais que irmãos, quando se enlaçam com os vinculos de um carilho que jámais se esquece.

— Oh ! sim : contestou a condessa, distrahida na apparencia.

— Amamo-nos, não quero dizer como Orestes e Pylades, porque isto é já demasiada commum ; porém sim, como se emam dois corações juvenis e ardentes, duas almas que sentem as mesmas aspirações e os mesmos desejos. Que vos parece disto, querida condessa ?

— Me parece muito digna essa amizade.

— Pois ouvi-me. Meu amigo encontrou em um dia, eu não sei em que parte, uma mulher joven, formosa, nobre e rica ; possuia esses quatro pontos cardeaes que fazem perfeitas as mulheres. Naturalmente meu amigo enamorou-se della, e ella enamorou-se delle. Se diz que o primeiro amor é um ramalhete de flores ; porém aquelle ramalhete houve de murchar-se com o tempo, não sei porque causa : porém a razão logica que eu encontro no negocio, é que precisamente havia de chegar a hora em que se secassem tão formosas flores ; pois é sabido que ao fim e ao cabo perdem sua pureza.

A condessa principiou a ouvir com mais attenção, pois naquellas palavras ditas com tanta naturalidade, encontrava uma cousa que a fazia tremer.

— E' original essa historia.

— Oh ! ainda não chegamos ao mais interessante.

Proseguir.

— Uma noite, uma dessas noites de inverno, negras como uma maldição, em que o vento e a neve descendem do céu, meu amigo dirigio-se á vêr á sua amante. Vivia esta em uma solitaria parajem cerca das beiras do mar.

— Cerca do mar ! exclamou a condessa vivamente sobresaltada.

— Creio que sim : o tempo apaga muitas ideias, e é fácil que minhas recordações estejam enganadas. Comtudo seguirei abusando de vossa bondade.

Fez a anciã um signal com a cabeça demonstrando seu consentimento.

— Aquella noite estavam desemcadeados os elementos, como o coração de meu amigo. E em verdade, proseguio o padre Roberto com seu sorriso bondozo, que nada de estranho tem. Aquelle joven cheio de esperanças, luvira recebido na tarde daquella dia duas cartas.

— Duas cartas !

— Sim condessa : uma era de sua amante ; a outra de um amigo. Na primeira lhe disiam : — *Vou ser mãe ; corre á meus braços.* — Na segunda lhe escreveriam : — *Morro assassinado ; a mulher que amas é a que me mata, e não é a que tu crês. Aquella morreu como eu*

esta investiu-se de seus titulos e de seu nome. Essa bolça do velludo encarnado que te remetto, te aclarará o mysterio : foga da culpada.

Ao referir estas expressões, o padre Roberto deu tal brilho á seus olhos, tal entonação a sua voz, que a condessa quiz fugir ; porém só teve accção para occultar seu terror tapando-se o rosto com as mãos.

Um tremor nervoso agitou repentinamente seu rosto, contrahiram-se suas feições de um modo horrivel : a sombra do crime e da maldigão illuminou com um colorido sombrio sua enrugada phisionomia, e por alguns instantes tudo desapareceu de sua vista, a luz do dia e a estranha figura do conde de Malvár.

Quando, passada a primeira impressão, o olhou de novo, viu que este sorria-se com tanta naturalidade, como se nada houvesse occorrido.

— Conheço que causei-vos horror, querida condessa, lhe disse, com accento carinhoso.

Esta que não comprehendia tão repentina anthithese, respondeu :

— Em effeito me haveis assustado.

— Isso prova que tens uma sensibilidade exquisita ; e Deos me guarde de continuar minha historia, se vos hei de causar uma sensação tão forte.

— Oh ! não ; fpedeis seguir, Sr. conde, respondeu ella com accento lugubre. Haveis despertado minha curiosidade e ancio saber o fim.

— Advirto-vos que é mui terrivel o que resta.

— Não importa.

— E' dizer, que o desejaes ?

— Desejo-o.

— Tornou o conde de Malvár á collocar uma perna sobre outra, e tirando uma magnifica caixa de ouro cheia de rapé,

— Meu amigo, continuou, era homem sereño ; porém aquellas duas cartas lhe fiseram perder toda sua serenidade : ser pai por um lado, e encontrar-se por outro com um amigo assassinado, era para não saber o que lhe passava. Correu ao sitio onde jazia seu amigo, porém este já havia morto. Então comprehendeu toda a verdade, pois os documentos contidos na bolça de velludo aclararam todas as duvidas. Entre a honra e a infamia existe uma muralha de bronze : meu amigo soube o que lhe restava fazer naquella tragedia, em que era um dos principaes personagens. Jurou sobre a cadaver de seu amigo vingal-o, e dirigio-se á habitação de sua amada.

— Oh, men Deos ! exclamou a condessa.

— Vos tornaes á assustar, senhora ?

— Oh ! não, proseguir.

O conde sorriu-se sinistramente e continuou :

— Envolto nas trevas da noite, acompanhado do furacão e coberto pela neve, chegou meu amigo á habitação do sua amante. Quando entrou nella estava pallido como um espectro ; porém a mulher se bem o olhou com inquietação, lhe apresentou uma preciosa crieça que acabava de dar á luz. O pai devorou á beijos seu filho, e soube dizer palavras tão doces á mãe, lhe mostrou tão ardente affecto que ella não comprehendia a profunda tempestade que bramava em seu